

Segurança caça extremistas. PM terá que explicar atuação

TENSÃO EM BRASÍLIA



Um rastro de destruição: veículos queimados por vândalos na região central da cidade, que completou 35 anos como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade

"Podia ser uma TRAGÉDIA"

Medo e terror tomaram conta das pessoas na região central da capital do país, quando um grupo de bolsonaristas extremistas atacou a sede da PF e outros locais. Ninguém foi preso durante a baderna

» ARTHUR DE SOUZA
» JÚLIA ELEUTÉRIO
» RAFAELA MARTINS

Fotos: Ed Alencar/CP/DA Press

No dia seguinte ao caos provocado por bolsonaristas extremistas na área central de Brasília, o clima na cidade ainda era de tensão e incerteza. Os rastros deixados pelos bademeiros na cidade que comemorou, no último dia 7, 35 anos como Patrimônio Cultural da Humanidade, mostraram o tamanho da violência proporcionada pelos ataques. A reportagem do *Correio* foi aos locais registrar os problemas causados pelo vândalos. Logo cedo, Luiz Henrique Castro, supervisor do posto de gasolina localizado em frente à 5ª Delegacia de Polícia (Asa Norte), e sua equipe varriam as cinzas do que sobrou de carros incendiados no local. "Eles colocaram dois botijões de gás dentro dos carros queimados. Nossa sorte foi que o pessoal que abastece o gás não veio segunda-feira, e sim hoje (ontem). Isso aqui teria explodido, e aí sim iríamos presenciar uma tragédia", comentou. "Foi muita sorte".

Outro funcionário do posto, que preferiu não se identificar, contou que foi tudo muito rápido. "Cheguei a ser agredido, pois os bademeiros queriam que a gente colocasse gasolina para eles, mas recusamos", lembrou o fentista. No dia seguinte, a toda confusão, o trabalhador disse que se sentiu tenso durante todo o turno, com medo de que tudo voltasse a acontecer. "Em quatro anos que trabalho aqui, nunca tinha vivido algo do tipo. Foi assustador, me senti como se estivesse no inferno", ressaltou.

Os atos antidemocráticos dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) começaram por volta das 19h e provocaram baderna e destruição do Estádio Mané Garrincha ao prédio da Polícia Federal, no início da W3 Norte. Ao todo, os extremistas atearam fogo em oito veículos — sete foram totalmente consumidos pelas chamas e um de forma parcial. Cinco ônibus foram depredados, sendo que quatro foram incendiados. As informações foram confirmadas pelo Corpo de Bombeiros Militar do DF (CBMDDF). Ninguém foi preso (leia o que disse o secretário de Segurança Pública, Júlio Danilo na página 14).

Prejuízo

Uma das pessoas que teve o veículo destruído foi a autônoma Gabriela Braga. O carro dela estava estacionado perto da sede da Polícia Federal no momento dos ataques e acabou sendo alvo dos bademeiros. Sem ter a quem recorrer diante do prejuízo, a maquiadora decidiu criar uma vaquinha virtual em busca de ajuda. Na página, ela contou que, além do automóvel, todo o seu material de trabalho dentro. "Uso o carro popular, antigo (não tinha seguro), que adquiri com muito esforço para trabalhar



Cartuchos de balas de efeito moral usados pela polícia para dispersar o grupo de bolsonaristas que queria invadir a sede da PF

todos os dias como maquiadora, para atender os clientes", detalhou Gabriela. Dono de outro carro queimado durante a manifestação, o estudante Gabriel Marques, 21, contou que o veículo sofreu perda total. Ele disse ao *Correio* que a perda não foi apenas material — o Fiesta foi herdado do avô, que morreu em abril

deste ano. Ontem, ainda emocionado, o funcionário de um escritório de advocacia contou que sua avó, Maria da Conceição, também ficou bastante abalada. "Ela está arrasada e inconsolável, acho que senti (a perda do carro) mais ainda, por conta do meu avô", acrescentou. Na 5ª Delegacia de Polícia, os destroços

eram visíveis. Uma das portas de vidro do prédio foi destruída. Todo o cenário de caos começou na troca de turno entre os agentes da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), por volta das 19h. Um dos policiais, que optou por não se identificar, definiu o ocorrido como uma "arruação". "Ninguém foi preso até o momento, mas a área é toda

monitorada e acredito que não será difícil a identificação dos envolvidos", pontuou. No local, não houve registros de vítimas.

Uma das lojas da rede McDonald's, localizada no Eixo Monumental, em frente a Torre de TV, também foi depredada por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, fazendo com que a franquia fechasse mais cedo temendo pelo pior. Com receio de represálias, um dos funcionários do local conversou com o *Correio*, mas preferiu não se identificar. Cantou o desespero do colegas de trabalho. "Cheguei aqui, hoje (ontem) de manhã e encontrei as janelas estavam quebradas, as lixeiras espalhadas na pista, e um carro que estava estacionado ficou todo quebrado, jogaram uma pedra bem grande no para-brisa. Estamos assustados", disse.

Impactos

Com medo de novos ataques, motoristas e cobradores de ônibus cruzaram os braços pela manhã para não irem à Rodoviária, o que provocou muita espera entre os usuários até as 10h. Paradas lotadas, atrasos e ônibus com a capacidade máxima, esse foi o cenário também em cidades como Santa Maria, Paraná e São Sebastião. A enfermeira Tatyane Souza, 30, estava preocupada com os possíveis depredações e também com o atraso ao trabalho. "Fiquei assustada, sai de casa apreensiva, sem saber o que eu encontraria na rua e o que poderia acontecer comigo. Logo pela manhã o ônibus que costumo pegar estava lotado, sem condições de entrar", falou.

Distante 30km do Plano Piloto, Mariana Freitas* — nome fictício pois ela preferiu não se identificar — demorou cerca de três horas para sair de Santa Maria e chegar no local de trabalho, na Esplanada dos Ministérios. "Desci na Rodoviária do Plano Piloto e fui andando até o ministério, pois a Esplanada estava bloqueada. Tudo muito caótico", enfatizou.

Em nota, a Secretaria de Transporte e Mobilidade (Semob) disse que, devido ao vandalismo nos ônibus na noite de segunda, houve um pequeno atraso na saída dos veículos ontem, para garantir a segurança de motoristas, cobradores e passageiros. Mesmo assim, a pasta ressaltou que a operação dos coletivos seguiu normalmente.

Ainda na noite de segunda-feira, alguns estudantes da Universidade de Brasília (UnB) tiveram dificuldade para voltar para casa, por conta dos bloqueios causados pelos atos antidemocráticos. Por isso, o Diretório Central dos Estudantes (DCE/UnB) acolheu quem não tinha como retornar às suas residências. Segundo o representante do diretório, Monna Rodrigues, 18 estudantes precisaram dormir nas dependências da UnB. "O DCE garantiu a alimentação deles e pedimos apoio da segurança da UnB para garantir uma noite tranquila aos estudantes", contou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades **Página:** 13